

Marcos sociogeográficos e arqueologia de Ventarrón-Collud: fisiografia, lugares persistentes e paisagem para compreensão das ocupações humanas na Costa Norte peruana

Marcelo Fagundes

Marcia Maria Arcuri Suñer

Bernardo Machado Gontijo

Ignácio Alva Meneses

Alessandra Mendes de Carvalho Vasconcelos

Flávia Brasil Bueno

Universidade Estadual do Ceará
Programa de Pós-Graduação em
Geografia - PROPGEO

Revista GeoUECE
ISSN: 2317-028X

<https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/index>

FICHA BIBLIOGRÁFICA

FAGUNDES, M.; SUÑER, M. M. A.; GONTIJO, B. M.; MENESES, I. A.; VASCONCELOS, A. M. C.; BUENO, F. B. Marcos sociogeográficos e arqueologia de Ventarrón-Collud: fisiografia, lugares persistentes e paisagem para compreensão das ocupações humanas na costa norte peruana. *GeoUECE* (online), v. 09, n. 17, p. 24-48, 2020.



Marcos sociogeográficos e arqueologia de Ventarrón-Collud: fisiografia, lugares persistentes e paisagem para compreensão das ocupações humanas na Costa Norte peruana

Marcelo Fagundes

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br

Marcia Maria Arcuri Suñer

Universidade Federal de Ouro Preto
marcia.arcuri@gmail.com

Bernardo Machado Gontijo

Universidade Federal de Minas Gerais
gontijobm@yahoo.com.br

Ignácio Alva Meneses

Museo Tumbas Reales de Sipán
alvameneses@yahoo.es

Alessandra Mendes de Carvalho Vasconcelos

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
alessandra.carvalho@ict.ufvjm.edu.br

Flávia Brasil Bueno

Universidade de São Paulo
flabaessa@gmail.com

24

Resumo: As estruturas do Complexo Arqueológico Ventarrón-Collud ocupam uma área de mais de 300 hectares do Vale de Lambayeque, no entorno da serra Ventarrón, à margem direita do rio Reque. Na sua vertente Oeste encontram-se os sítios arqueológicos Huaca Ventarrón e Collud-Zarpán, distantes entre si em menos de um quilômetro. Quando observadas em conjunto, as estruturas desse complexo formam uma das sequências estratigráficas mais extensas até hoje conhecidas na arqueologia dos Andes Centrais (4.600 a 500 A.P). Esse artigo tem como objetivo discutir acerca dessas estruturas a partir da hipótese de que humanos se apropriam da fisiografia regional para além da materialidade, observando signos que são lidos e interpretados (os marcos sociogeográficos), sendo que a partir deste momento se estabelecem os lugares utilizados em longa duração (os lugares persistentes).

Palavras-chave: Geografia Sagrada. Marcos sociogeográficos. Lugares persistentes. Cerro Ventarrón. Collud-Zarpán. Andes Centrais.

1. Introdução

A costa norte do Peru é constituída por uma estreita faixa desértica, limitada a Leste pela cordilheira dos Andes e a Oeste pelo Oceano Pacífico. Apesar de a aridez ser uma característica



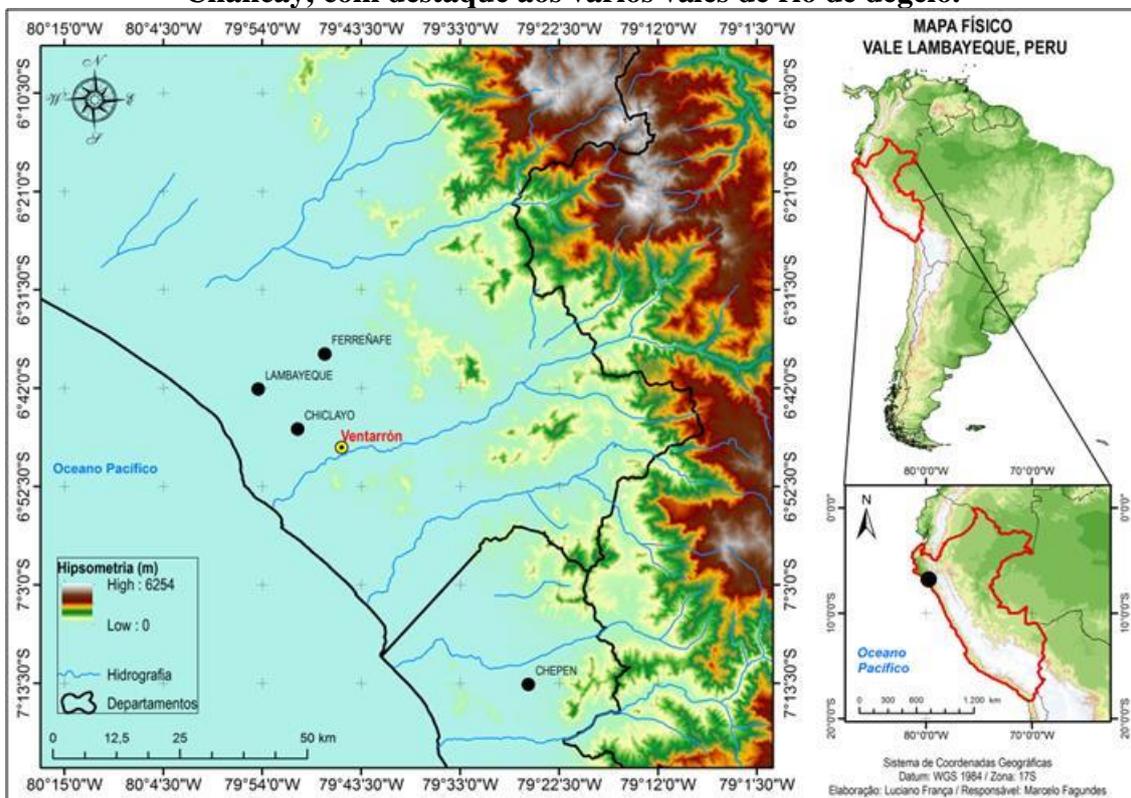
marcante da região, a grande disponibilidade de recursos marinhos, em um dos litorais mais ricos do planeta, pode ter sido um dos atrativos para as ocupações humanas, sobretudo a partir da transição do Pleistoceno para o Holoceno (MOSELEY, 1975; SHIMADA, 1994; LUMBRERAS, 2008; DILLEHAY, 2008).

O Complexo Arqueológico Ventarrón-Collud, na província de Lambayeque, está implantado justamente nesta faixa desértica (de extensão média de 40 km), com a particularidade de ser nesta área onde se encontra a porção mais baixa e estreita da Cordilheira dos Andes em toda sua extensão, com altitude máxima de 2200 m e 60 km de largura entre o limite Oeste até o Leste, característica que facilitaria a travessia até a região amazônica (ALVA; ALVA MENESES, 2012) (Figura 01).

Essa posição geográfica privilegiada da costa lambayecana seria um predicado substancial para a compreensão das ocupações antigas, uma vez que permitiria os contatos entre zonas ecológicas diferentes, possibilitando um manejo desta diversidade de recursos da costa, altiplano e selva (MURRA, 1975, GOLTE, 1987). A partir dessa constatação de intercâmbios, apropriações e uso de caminhos de Oeste a Leste, se estabelece um dos debates mais férteis da Arqueologia andina: quando e em que área teve início a complexidade sociocultural (MOSELEY, 1975; LUMBRERAS, 1989).

Figura 01. Mapa de localização do Complexo Arqueológico Ventarrón-Collud, no vale de Chiclayo, com destaque aos vários vales de rio de degelo.

25



Fonte: Geo GPS Perú <https://www.geogpsperu.com> Elaboração: França/2019.



No entanto, para as reflexões que serão aqui discutidas, o ponto alto diz respeito ao fato de que o contato com esses pisos ecológicos, além de permitir que grupos pudessem realizar interações de distintas naturezas (fisiográficas/ topográficas, climáticas e biológicas), houve a possibilidade de um entendimento da diversidade como fundamental para a compreensão e organização de suas paisagens, uma vez que as diferenças e assimetrias comuns ao pensamento andino – no plano físico, onde se vive (*Kay Pacha*) ou nos planos intangíveis, onde vivem os ancestrais, outros seres e divindades (*Hanan* e *Hurin*) –, compõem e estruturam a vida, estando em constante interatuação, negociação, permuta e reciprocidade, em que, tudo indica, as características geográficas ocupam um papel de destaque nos processos de ritualização, ação fundamental na garantia do ordenamento, alinhamento e estabilização entre esses diferentes mundos (MAKOWSKI, 2006; ARCURI, 2009, 2011; GOLTE, 2009; ALVA; ALVA MENESES, 2012; LÓPEZ AUSTIN, 2013; KAULICKE, 2016; BUENO, 2020).

Além desse litoral riquíssimo e da possibilidade de trocas com os demais pisos ecológicos, para os Andes Centrais não se pode esquecer a importância dos vales de rio que cruzam o deserto, a maioria proveniente da cordilheira por ação de degelo, além de casos como o rio Chancay-Reque que recebe grande parte do seu fluxo d'água da umidade da região amazônica. Esses vales possibilitaram que várias sociedades se estabelecessem e, por meio deles, fosse possível o desenvolvimento de uma agricultura, sobretudo com a criação dos canais de irrigação (NETHERLY, 1984), que puderam ampliar significativamente as áreas cultivadas (Figura 01).

26

Assim, tem-se na diversidade um modo eficaz e regulador de estruturação do mundo, onde as fisiografias ocupam um importante papel de como a vida foi estabelecida em termos físicos e simbólicos (KAULICKE, 2016; FAGUNDES et al., 2020). As escolhas realizadas sempre estiveram associadas aos diferentes planos do *cosmos*, onde nada é aleatório, mas também não é estritamente funcional, em que signos guiaram todas elas, compondo uma paisagem que mantém relações entre esses diferentes planos e que fazem parte do repertório cultural como um lugar persistente (SCHLANGER, 1992).

A província de Lambayeque faz parte dessa grande área nos Andes Centrais e, como as demais, apresenta-se como um dos locais desse grande desenvolvimento sociocultural, sendo que na localidade conhecida hoje como Ventarrón, de maneira ainda muito precoce, houve o surgimento da arquitetura monumental, representada pela construção de *huacas*¹ e outros edifícios em adobe.

Muito se tem discutido sobre esse o surgimento da arquitetura monumental, porém as interpretações de o porquê desse advento em cronologia tão recuada no tempo são várias (MOSELEY,

¹ Huaca são grandes plataformas construídas em adobe que, a priori, têm sido entendidas como lugares do sagrado relacionados à realização de cultos e rituais (ARCURI, 2009).



2001; DILLEHAY et. al., 2007; LUMBRERAS, 2008; VEGA-CENTENO, 2006, 2017; ALVA; ALVA MENESES, 2012; ARCURI, 2012; FAGUNDES et al., 2019; BUENO, 2020).

Em outro trabalho (FAGUNDES et al., 2019), a precocidade em Ventarrón foi entendida como resultado das dimensões fisiográficas regionais, aliadas às ontologias, sendo observados signos que permitiram entendê-lo como o *axis mundi* e, portanto, um espaço destinado ao encontro, atraindo a peregrinação de diferentes grupos do vale de Lambayeque para execução de rituais, festividades e mesmo reuniões que garantiriam a perpetuação da memória/ ancestralidade comum e de alianças vinculadas à compreensão de Ventarrón como uma montanha tutelar (LEONI, 2005; ALVA MENESES, 2008; GIL GARCÍA, 2012, LERCIER, 2018).

Em Cerro Ventarrón a arquitetura tem seu princípio no Formativo Inicial (entre 3000 e 1200 anos a. C.), sendo que a construção da Huaca Ventarrón está datada em torno de três milênios antes de nossa Era, anterior à invenção da tecnologia cerâmica (um marcador cultural importante) ou o estabelecimento de centros urbanos (por exemplo), tendo seu uso quase contínuo entre 3000 e 1700 anos a.C. (BUENO, 2020).

A partir dessas primeiras ocupações ocorre um processo de grande evolução tecnológica, ganhando destaque as atividades agrícolas estimuladas pelos já citados canais de irrigação e mesmo a implementação de outras tecnologias, como a produção têxtil e, mais tardiamente, a cerâmica e a metalurgia (SHIMADA, 1994; ALVA; ALVA MENESES, 2012).

Sabendo que há um peso gigantesco das cosmologias nesses processos de complexidade, partimos do pressuposto que os lugares foram eleitos a partir das características fisiográficas, sobretudo por meio da relação que mantinham com as ideias de mundo, para além de questões de ordem funcional ou prática. Captação de recursos, proteção ou facilidades certamente são importantes pontos de escolhas, entretanto o ato de se estabelecer nos Andes é regido pelo entendimento de como se ordena e se equilibra o mundo (*cosmos*), em que cada lugar e cada ser possam ocupar corretamente seus papéis no tempo e no espaço que lhes correspondem.

Além disso, como destacado por Kaulicke (2016), nessa imensa teia de significações, não se deve esquecer o papel da ancestralidade nestes entendimentos, em que passado é personificado pelos mortos ancestrais interagindo com o presente e, por meio do culto e ritualização, também fazem parte do equilíbrio da vida e garantia de sua perpetuação para o futuro.

Todo esse movimento é marcado pelas ontologias e axiologias, responsáveis pela composição do que é entendido como vida. As concepções das inter-relações entre os diferentes planos e tempos que regem essas sociedades (material e imaterial/ passado e presente), estão tão associados a essas estruturas reguladoras, que não há uma distinção clara entre o que é motivação econômico-social ou simbólico-ideológica.



Assim, os lugares se dão por meio de um fluxo contínuo de reflexões, diálogos e trocas, dependentes dos rituais e cultos (sacralização), sobretudo associados à ancestralidade e ao alinhamento-ordenamento cósmico, garantias para o equilíbrio e segurança social. O estabelecimento – no sentido *maussiano* do ato (MAUSS, 2016) –, não é eleito apenas por possibilitar a vida material. Sejam os lugares, ou as atividades que se desempenham em seu interior, ambos devem conter signos que possam ser lidos e interpretados como alicerces que garantiram para os ancestrais e naquele presente a continuidade da vida (tangível e intangível). Como legado por Mauss (2016), acreditamos que os lugares são sítios de negociação, permeabilidade, dinamismo e fluidez, marcados e organizados pelos ciclos que regem uma dada sociedade (FAGUNDES et al., 2019, 2020; FAGUNDES, 2014).

O encontro de rios, as serras, seus posicionamentos em relações aos pontos cardeais, cores e texturas, etc., estão entre os atributos ativos dessa Geografia sagrada (ALVA; ALVA MENESES, 2012; KAULICKE, 2016), mas que temos preferido denominar de marcos sociogeográficos, ou seja, a conexão de características referenciais que dizem respeito à união da fisiografia e composições artificiais (signos) e, a partir daí, das relações êmicas que sociedades estabelecem com seu ambiente (símbolos). Com isso não se pretende dissociar o caráter social da ciência geográfica, intrínseco à disciplina, mas destacar as inter-relações que humanos constituem com seu ambiente.

28

Este artigo tem como objetivo discutir acerca das estruturas do Complexo Arqueológico Ventarrón-Collud, partindo da hipótese de que humanos se apropriam da fisiografia regional para além da materialidade, observando signos que são lidos e interpretados (os marcos sociogeográficos), sendo que a partir deste momento se estabelecem os lugares utilizados em longa duração, seja em função dos atributos já mencionados ou por outros que surgem por meio das novas ocupações (os lugares persistentes).

2. Referencial teórico-metodológico – paisagem, marcos sociogeográficos e lugares persistentes:

O que uma paisagem pode nos dizer? Essa pergunta está entre as mais complexas para pesquisadores que têm buscado compreender temas importantes à pesquisa arqueológica, tais como: territórios e suas fronteiras; marcadores paisagísticos; relações de humanos em seus ambientes, além de outras tantas que se pode fazer ao registro arqueológico e aos contextos que estão relacionados (LEWIS, 1985; ACUTO, 1999; ZEDEÑO, 2000; BRADLEY, 2000; ANCHUETZ, 2001; TRONCOSO, 2001; FAGUNDES, 2014; GRECO, 2019).

Tendo consciência da complexidade desta indagação, porém necessária para darmos continuidade a um diálogo coerente (e interdisciplinar) com a maneira que pretendemos tratar o



repertório cultural em pauta; se faz imperante uma definição de como entendemos o conceito, uma vez que sua polissemia é presente de forma muito ativa na literatura, inclusive em sua ciência de origem, a Geografia.

Neste texto, a paisagem é entendida como uma construção, para além (e muito além), das características fisiográficas e visuais que as compõem (COSGROVE, 1984). Ela é o resultado da ação e inter-relações dos humanos em seu ambiente, seja na *materialidade* (que transforma o meio, que o artificializa, o ressignifica, o reajusta ao que pode ser entendido como funcional, espiritual ou estético, por exemplo), e na *imaterialidade*, onde a modificação não se dá na forma em si, mas no entendimento do ambiente em seu *ethos*, como entidade provida de sentidos (FAGUNDES et al., 2018; FAGUNDES et al., 2019).

Nesta perspectiva, ela é composta por planos tangíveis e intangíveis (FAGUNDES et al., 2019), indo além, o mundo (e todas as coisas nele) é erigido culturalmente, e diz respeito às diferentes formas em que pessoas concebem suas vidas e estruturam seus pensamentos (INGOLD, 2019).

Essas transformações (da materialidade) podem ser realizadas em um amplo espectro de perspectivas, das mais práticas e/ou funcionais, em que alterar o meio significa otimizar recursos e aumentar a performance socioeconômica ou política, ao mesmo tempo em que podem estar relacionadas à artificialização como modo de sacralização do ambiente, manipulação simbólica, político-religiosa ou ideológica. Por outro lado, não-modificar o ambiente é também uma alternativa, em que permanências ou inalterações podem ser compreendidas como escolhas e, portanto, partem dessas concepções e idealizações do que é o mundo e como se comportar nele e para ele.

Nesta perspectiva, a constituição da paisagem se dá a partir das interações e dinâmica social entre o meio, humanos e outros seres. A própria fisiografia adquire papel ativo nas inter-relações sociopolíticas e ideológicas, uma vez que muitas são dotadas de ideias, subjetividades e sentimentos, a exemplo de montanhas, vulcões, rios ou florestas. Portanto, a paisagem também é espaço de reciprocidade, negociações e alianças entre os diferentes seres que compõem o *cosmos*.

Permitir-se, ou admitir, o entendimento da paisagem como composta por múltiplas camadas espaciais (os vários planos tangíveis e intangíveis, habitados por divindades, ancestrais ou outros seres humanizados, a exemplo de montanhas ou animais míticos), além das temporais (visão diacrônica de como diferentes ocupações ocuparam lugares, em relações de resiliência, reaproveitamento de estruturas ou visitação de espaços, etc.),   ampliar o entendimento que o mundo   construído culturalmente. Cabe nessa nossa postura uma longa cita o de Tim Ingold (2019), sobre como ele, enquanto cientista, trata ou busca entender, o Outro.

Levar os outros a sério   a regra número um do meu tipo de antropologia. Isso não significa atender para o que eles fazem e dizem, mais do que isso, devemos encarar os desafios que eles colocam às nossas concep es sobre como as coisas são, o tipo de mundo em que vivemos e como nos relacionamos com ele (...) De fato, a história da Antropologia oferece e



exemplifica muitas estratégias para fazer exatamente isso. Elas incluem que os povos são irracionais ou incapazes do pensamento lógico, de que eles são reféns da superstição ancestral, de que o pensamento é característico de estágios anteriores do desenvolvimento humano, da inocência infantil à maturidade, de que eles operam com base em informações falsas ou equivocadas, de que seu comportamento é determinado pela tradição, de que eles são incapazes de distinguir o fato da imaginação ou de estabelecer limite entre o literal e o metafórico (INGOLD, 2019, p. 13-14).

Assim, essa atitude, não menos acadêmico-científica, amplia a capacidade de compreender as diferentes lógicas de organização cultural, política e social, que pessoas classificam e compreendem o mundo, onde a diversidade é latente ou, parafraseando Ingold (2019, p. 29): “A diferença (...) é a cola que nos une a todos”. Ou, como salientado por Lévi-Strauss (1989), ciência e magia estão em paralelo.

O que indicamos e defendemos é que a paisagem é uma realidade histórica e, como tal, socialmente significada e construída, o que justifica essa multiplicidade de camadas espaço-temporais. É um elemento ativo da vida, onde ocorrem negociações e concessões, em que, no caso andino, os rituais são a ponte necessária entre essas várias camadas espaciais, responsáveis pela perpetuação das relações sociais intra e inter mundos (SWENSON, 2015; ARCURI, 2019; FAGUNDES et al., 2019; FAGUNDES et al., 2018; GRECO, 2019).

São na e pelas camadas constitutivas da paisagem, no tempo e no espaço (e cultura), que se estabelece o equilíbrio, alinhamento e manutenção da ordem. As estruturas que as compõem, constituem-se em inter-relação sendo, portanto, os já mencionados sítios de permeabilidade, dinamismo e fluidez, relacionados à resiliência, ao culto à ancestralidade e de manejo do próprio tempo, que é cíclico e, neste sentido, campo de negociações e alianças (GOSE, 1993; LEONI, 2005; ARCURI, 2012; DEPAZ TOLEDO, 2015).

A paisagem vista hoje é o reflexo de múltiplas interpretações no tempo, no espaço e na materialidade. O mundo (*Pacha*) é composto por vários planos que conectam e se alinham de modo a garantir a estabilidade e equilíbrio no *cosmos*.

Em síntese, a paisagem está organizada por estruturas tangíveis e intangíveis, sendo que a imaterialidade é acessada por meio da ritualidade. Nesta perspectiva, não há como realizar um estudo da paisagem sobre o passado nos Andes sem levar em conta essas formas de perceber e classificar o mundo. A complexidade apontada, a precocidade e implantação da arquitetura monumental, o próprio desenvolvimento social e econômico, ambas são características particulares dessas sociedades que pensam o mundo (e sua organização) de maneiras muito distintas. Desprezar essas informações é realizar interpretações equivocadas sobre o passado ou realizarmos discussões meramente técnicas.

Ou seja, ao se tratar da paisagem (enquanto conceito) entendemos que é um conjunto de remanescentes e estruturas físicas (artificiais ou não), ideias e percepções sempre em inter-relações,



em que pessoas deram sentido à vida (sagrado ou profano, físico ou imaginário, de subsistência ou moradia, etc.), além de interpretarem a si mesmas, as coisas, o mundo... São sítios de entendimento e ressignificação, por isso é sempre dinâmica, sistêmica/ contextual e histórica. A paisagem que vemos hoje está constituída por múltiplas camadas que, por terem sido estabelecidas, significadas e interpretadas, trazem características que ainda permitem suas leituras em longa duração (CROSGROVE, 1984).

A paisagem possui a característica de acumular diferentes categorias de sentidos e, mesmo com os câmbios ao longo do tempo, há marcas que permitem sua leitura arqueológica em camadas diacrônicas, persistentes e significativas para o entendimento dos Humanos e suas vidas.

Nesta perspectiva, as relações entre humanos, outros seres e seus ambientes não são compreendidas apenas como um modo de superação das necessidades de subsistência, de caráter utilitário-funcional, mas enquanto um modo eficaz de regulação entre os fatores de ordem ambiental e as estruturas simbólicas, ideológicas e socioculturais. Portanto, a paisagem está realmente muito além daquilo que é possível ver, que está à frente dos olhos por uma visada, sendo composta por percepções, ideias e ideologias que marcam e definem uma dada sociedade. Ela se manifesta repleta de significados que orientam, direcionam e limitam a ação humana, em lógicas provenientes de diferentes escalas, determinantes e determinadas por específicos agentes sociais que dela se apropriam (FAGUNDES, 2009, 2014; GRECO, 2019).

31

Em processos subjetivos, coletivos e particulares de interação com o meio, com outros seres e como outros povos, grupos humanos estabelecem a construção das suas paisagens, a partir tanto das possibilidades e perspectivas que a apropriação do ambiente permite, quanto de itens que vão além da materialidade das coisas. Nesta perspectiva, todas as paisagens estão estabelecidas por camadas de materialidade (de suas formas) e por aquelas camadas mais fluidas, de caráter abstrato, mas tão perceptível quanto o que é tangível (estruturas) (FAGUNDES et al., 2018).

São, por conseguinte, uma construção de ordem sociocultural e, como tal, apesar de também estar constituída pelas características fisiográficas e visuais que as compõem, porém, enquanto conceito ultrapassa a materialidade, uma vez que a paisagem é o resultado da ação humana em seu ambiente tanto na materialidade quanto na imaterialidade, nas ações que atuam ativamente nela, porém em outros planos além do mundo físico.

Cerro Ventarrón é constituído por uma multiplicidade de lugares, não apenas no espaço, mas também no tempo e imaterialidade. Portanto, para o entendimento temos utilizado o conceito cunhado por Sarah Schlangier (1992), compreendendo o uso da paisagem em termos do que a autora denominou como *lugares persistentes*, ou seja, locais usados repetitivamente durante a ocupação de uma região em função de certas qualidades que os habita para as práticas de uso cotidiano ou



comportamentos socialmente compartilhados. Logo, a autora parte do pressuposto de que em função de certas particularidades (tanto de ordem histórica, econômica, política, social, religiosa ou cultural), os lugares são ocupados em longa duração refletindo na distribuição e formação do registro arqueológico.

Não são necessariamente sítios arqueológicos, nem se pode dizer que são certas características da fisiografia que permitiriam reocupações ao longo do tempo. Para Schlanger (1992), trata-se da união entre comportamento humano e as feições de uma dada fisiografia que permitem a apropriação por diferentes motivos: (i) particularidades de um lugar que o fazem singular para o desenvolvimento de uma dada atividade; (ii) atributos (naturais ou artificiais) que permitem o prosseguimento diacrônico das ocupações; (iv) ao apego sentimental, sobretudo quando associado aos lugares dos ancestrais ou às cosmologias, envolvendo questões de caráter religioso, de doutrinas político-religiosas, de poder ou de ambições, etc. Esses lugares podem mudar sua “função” ao longo do tempo, porém seus usos continuam ao longo do tempo, mantendo-os ativos na paisagem e nas memórias que as representam.

Assim, partimos da hipótese que Cerro Ventarrón possui características singulares que fazem dele um lugar persistente, sendo ocupado e reocupado, estabelecido e ressignificado ao longo de quase cinco milênios, enquanto constituído de lugares que remetem ao cosmos, à ancestralidade, à identidade e, principalmente, ao que é sagrado.

3. Resultados e discussões

3.1. O ambiente

O povoado de Ventarrón (Figuras 02 e 04) está localizado aproximadamente a 10 km Leste/Sudeste da cidade de Chiclayo e a 5 km Sudeste do distrito de Pomalca, coordenadas 6°47'4'' e 6°48'44'' (latitude) e 79°44'36'' e 70°45'42'' (longitude) e, como dito, em uma das áreas com maior *stress* ambiental do planeta, visto tratar-se de um deserto comprimido em uma estreita faixa entre a cordilheira e o oceano.

A serra, homônima ao povoado, está localizada nessa região desértica, que segundo Narrea e Pérez (2013) apresenta clima Desértico Subtropical Árido, influenciado pela corrente fria de Humboldt, que atua como reguladora dos fenômenos meteorológicos da região. O deserto é interrompido pelos contrafortes da Cordilheira dos Andes, que dão ao território uma configuração Leste / Oeste, orientando as Cordilheiras em direção ao mar (INDECI, 2003).

No que diz respeito aos aspectos da geomorfologia, na região de Lambayeque são destacados dois domínios: os relevos desnudados e os relevos montanhosos. A primeira unidade é caracterizada



por planícies aluviais, depressões, dunas e barchans² (Figura 04). Destacam-se também grandes reservatórios de águas subterrâneas, incluindo Cayaltí-San Nicolas e as planícies de Mocupe-Lagunas. Na segunda unidade observam-se montanhas de altitudes variadas, principalmente os *cerros*, ou colinas, de elevações medianas, como Ventarrón, com formas bastante erodidas e frequentemente com rocha expostas (LÓPEZ- MESONES, 2013).

Figura 02. Povoado de Ventarrón, visada W-E, com destaque para a serra ao fundo.



Fonte: Fagundes/2019.

Figura 03. Povoado de Ventarrón, visada N-S, com destaque para a Huaca ao fundo.



Fonte: Fagundes/2019.

Figura 04. Barchans no Vale de Zaña, Complexo Arqueológico de Purulén.



Fonte: Fagundes/2017.

O relevo regional tem sua gênese a partir da formação de grandes dobramentos, como os Andes e os planaltos escalonados resultantes das pulsações tectônicas durante esse processo de soergimento (NARREA; PÉREZ, 2013). O amplo gradiente topográfico da cordilheira propicia uma forte incisão vertical da drenagem, gerando vales profundos, principalmente com a presença das águas de degelo (posterior à glaciação Pleistocênica). Esses vales foram entupidos por sedimentos e

² Dunas de aparência convexa, produzidas pela ação do vento, que atua predominantemente em uma direção.



atualmente o meio se apresenta com amplas planícies, tanto de origens aluviais, como eólicas ou marinhas, como a planície do Chancay-Reque. Os vales desses rios têm orientação Leste-Oeste e são endorreicos, pois seu escoamento se espalha nas planícies do deserto em direção ao Norte, nunca chegando ao mar (Figura 05).

Figura 05. Visada Norte-Sul a partir do topo da serra Ventarrón, com destaque ao vale do rio Reque (Leste-Oeste). Ao fundo serra Reque.



Fonte: Fagundes/2017.

Outra característica marcante na região são as morfologias desenvolvidas a partir de areias eólicas depositadas por gravidade e já estabilizadas: dunas clássicas, corredores de dunas, cobertores de areia e colina. Elas estão presentes desde as planícies costeiras até as partes mais baixas do sopé dos Andes, com altitudes variáveis de 10, 30, 50, 100, até 150 metros (NARREA; PÉREZ, 2013).

Os atributos geoambientais da região formaram um cenário onde se estabeleceram populações que se apropriaram desse espaço, em que os marcos sociogeográficos, estruturas arqueológicas e lugares persistentes estabelecem uma narrativa de como a paisagem foi sendo constituída.

A serra Ventarrón, como os rios Reque e Chancay, são marcadores importantes com destaque na fisiografia regional. A serra é um relevo residual com 228 m de altitude, que se encontra a 22 km do oceano, na direção Leste, na margem direita do Reque, esse último alongado no sentido Leste-Oeste, que recebeu em seu entorno ocupações humanas antes da invasão espanhola e, que até hoje, é um marco toponímico regional. As imagens de satélite ou mapas não exprimem a sua grandeza local e sua importância (fisiográfica, cultural e histórica) para o estabelecimento destes povos. Logo, estamos de acordo com o descrito por Ignácio Alva Meneses (2008, p. 98), que Ventarrón apresenta características fisiográficas e de implantação que puderam ser apropriadas pelas populações de acordo com seus universos simbólicos, relacionando a cosmovisão e propiciando o estabelecimento de grupos humanos ao longo do tempo.



3.2. Os lugares

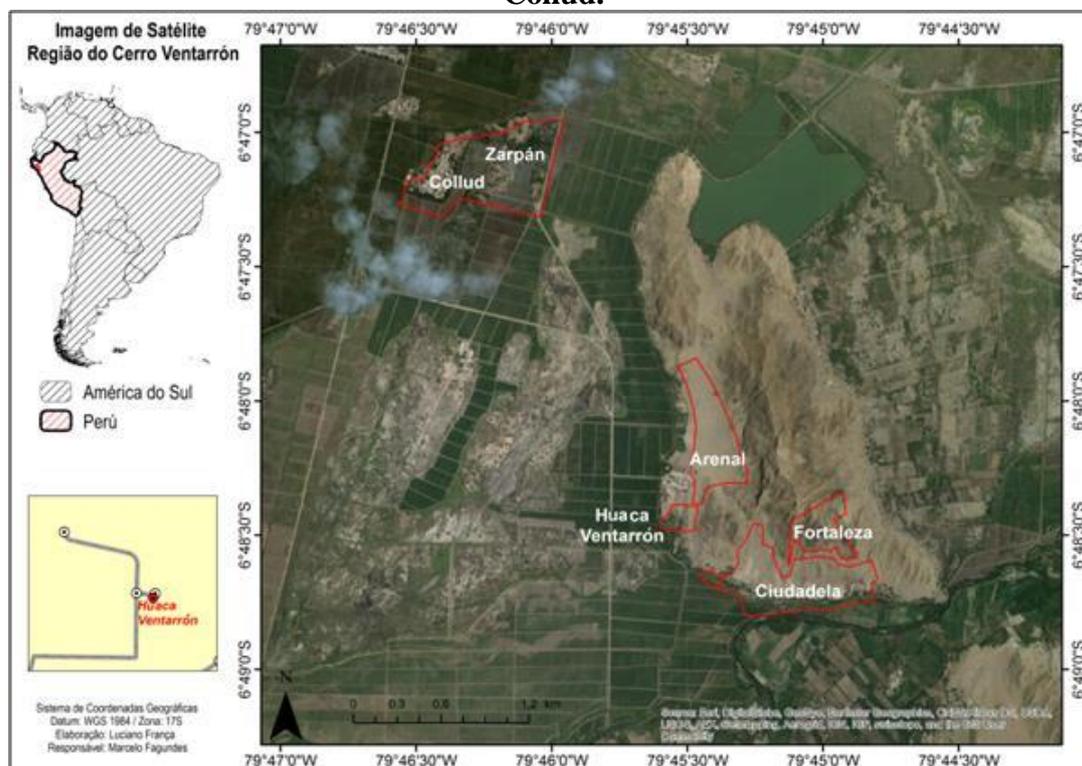
O Complexo Arqueológico Ventarrón-Collud ocupa uma área de mais de 300 hectares do Vale de Lambayeque, no entorno no Cerro Ventarrón, à margem direita do rio Reque. Na sua vertente Oeste encontram-se os sítios arqueológicos Huaca Ventarrón e Collud-Zarpán, distantes entre si em menos de um quilômetro.

As estruturas que compõem esse complexo datam desde o Formativo Inicial (ou Arcaico Final), até construções Lambayeque e Chimú-Inca, com cronologias situadas a partir do século XIII de nossa Era, perdurando até a invasão espanhola em 1532 (Figura 06). Quando observadas em conjunto, as estruturas desse complexo formam uma das seqüências estratigráficas mais extensas até hoje conhecidas na arqueologia dos Andes Centrais (4600 a 500 A.P).

Os vários lugares foram constituídos ao longo do tempo e nenhum deles foi abandonado durante esse período, cambiando suas posições em relação às diferentes ocupações, mas sempre revisitados por grupos posteriores, em um processo que está relacionado ao culto ao passado/memória por meio da valorização da ancestralidade que, até certo ponto, é vigente até os dias de hoje (KAULICKE, 2016).

35

Figura 06. Imagem de localização das estruturas do Complexo Arqueológico Ventarrón-Collud.



Fonte: Geo GPS Perú <https://www.geogpsperu.com> Elaboração: França/2019.



A grande maioria das estruturas foi construída em adobe, salvo as mais recentes associadas às ocupações Chimú-Inca que tem as rochas como principal material construtivo (Figuras 07 e 08). Para as ocupações iniciais, partimos do princípio que os aspectos fisiográficos serviram como atração às comunidades que se apropriam dos espaços a partir de certos traços diagnósticos relacionados diretamente à cosmovisão, dos mitos originários relacionados ao princípio da vida, do culto às águas, à semeadura, mas, principalmente, em torno da montanha tutelar.

Figura 07. Estruturas em pedra Chimú-Inca, parte superior da serra.



Fonte: Fagundes/2017.

Figura 08. Escavação das Huaca Ventarrón, estrutura do Formativo Inicial em adobe.



Fomte: Alva Meneses/2007.

Inicialmente, tais visões de mundo foram materializadas por meio da construção da Huaca Ventarrón e os edifícios do Arenal, além de todo repertório cultural associado a eles. Destas ocupações outras tantas foram se estabelecendo, reutilizando, reinterpretando esses lugares em longa duração; ações entendidas a partir do conceito de lugares persistentes (SCHLANGER, 1992). A partir desses lugares, tem-se a paisagem de Ventarrón, composta por distintos marcos sociogeográficos, estruturas arqueológicas, lugares persistentes e histórias que estabeleceram narrativas ainda presente nestas ocupações (FAGUNDES et al., 2019).

Além da Huaca Ventarrón e dos edifícios do Arenal (do Formativo Inicial), o Complexo está formado pelas estruturas de Collud-Zarpán, que datam do Formativo Médio (1200 a 800 anos a.C.) e já com a presença da tecnologia cerâmica (Figuras 09 e 10), dos montículos associados às ocupações Mochica, também na face Oeste da serra, datadas entre os séculos I e IX de nossa Era (Figura 11) e das ocupações Lambayeque-Chimú-Inca, que revisitam esses lugares, mas que ocupam, principalmente, a face sul (Cidadela) e topo da serra (Fortaleza) (Figuras 12).



Figura 09. Sítio Zarpán.



Fonte: Fagundes/2018.

Figura 10. Huaca Collud.



Fonte: Fagundes/2018.

Figura 11. Montículo C, não-escavado, associado à cultura Moche.



Fonte: Fagundes/2018.

Figura 12. Vista geral das estruturas da Cidadela, face sul da serra.



Fonte: Fagundes/2018

Portanto, as estruturas e entornos das Huacas Ventarrón e Collud (com seus setores associados do Arenal e Zarpán, respectivamente), foram retomadas incontáveis vezes para fins rituais e de sepultamento até o século XV.

O sítio arqueológico Huaca Ventarrón constitui o centro cerimonial mais antigo da região, com datas que alcançam 4200 anos antes do presente. Do período Formativo Inicial (ou Arcaico Final), sua arquitetura monumental dispõe dos mais remotos murais policromados até hoje conhecidos nos Andes Centrais. Associados aos altares de fogo, banquetas cerimoniais e recintos que receberam prestigiosas oferendas, o simbolismo dos murais da Huaca Ventarrón sugere que esse se tornou um lugar de referência nas ontologias dos primeiros agrupamentos costeiros andinos (BUENO, 2020).

Portanto, é provável que a Huaca Ventarrón tenha sido o primeiro edifício erigido na área como forma de agregar e sintetizar uma ideia de mundo. A escavação minuciosa pode comprovar que o templo em adobe foi erguido em diferentes etapas construtivas, aproximadamente seis (ALVA; ALVA MENESES, 2012). Tal ação pode ter ocorrido em decorrência de inúmeros fatores, dentre os quais: (i) Reconstrução se daria em função dos danos causados por eventos climáticos, ao exemplo dos *Niños*, que obrigaria a reformulação do templo; (ii) Processos intencionais ligados às cosmologias,



ao que alguns autores têm denominado de enterramento simbólico da Huaca, vista como um *Apus*³ e, portanto, um ser dotado de vida e experiências, em que seu enterramento (morte simbólica) permitiria sua renascimento; (iii) Ambas as hipóteses, em que os eventos climáticos seriam responsáveis, ou representariam, pela *morte da Huaca* e consequente regeneração por meio de novas intervenções

Somos favoráveis a entender que as remodelagens foram claramente de cunho ritual, respondendo aos prováveis ciclos e rupturas de processos socioculturais e/ou políticos, tanto de cunho ambiental (eventos climáticos) quanto cultural – movimento de nascimento, morte e renascimento comuns à cosmologia andina (KAULICKE, 2016) (Figura 13).

De qualquer forma, trata-se de templo construído em adobe diretamente sobre um afloramento granítico na face Sudoeste da serra, subdividido em três partes. A Huaca ocupou a parte central no afloramento, sendo as porções ao Norte e ao Sul também foram apropriadas para cultos, sendo que ao Sul evidenciaram-se *Pacchas*, estruturas em baixo relevo construídas diretamente no afloramento, relacionadas ao culto à água (ALVA; ALVA MENESES, 2012).

Figura 13. Remodelações da Huaca Ventarrón. (A) Fase 01. (B) Fase 02. (C) Fase 03.



Fonte: Alva e Alva Meneses (2012).

O Arenal é um conjunto de edifícios de diferentes épocas, construído na face Oeste da serra Ventarrón, ganhando destaque os templos da época da Huaca, conjunto de grafismos rupestres, montículos associados à cultura Moche e um edifício em adobe associado à cultura Lambayeque (BRACAMONTE LÉVANO, 2015). Todos se encontram dispostos ao longo dessa face Oeste que tem forma de um grande anfiteatro, sendo que os edifícios implantados na média vertente (Arenal 01 ao 04 e estrutura Lambayeque) têm ampla visão de todo o vale.

De acordo com Alva e Alva (2012), os quatro edifícios mais antigos identificados são estruturas de adobe, com recintos bem definidos e construídos como uma projeção da serra, tendo várias modelações paralelas a da Huaca. Essas remodelações, e acordo com os autores, ocorrem por quase um milênio, o que demonstra a importância deste centro cerimonial.

Com base na escavação de uma trincheira, delimitou-se o Arenal 01, um sistema de aterros escalonados que culminam em um amplo terraço. O Arenal 02 estava constituído por nove unidades,

³ São colinas e montanhas que na cosmologia andina são vistos como entidades. As Huacas, enquanto espaços sagrados, são projeções dos Apus, locais apropriados para o desenvolvimento de rituais.



na parte mais alta do complexo, sendo marcado pela construção de grandes muros de arrimo em forma de plataforma sobre os bancos de areia, sendo uma das maiores construções do período. O Arenal 03 apresenta-se em forma de um sistema de plataformas baixas e largas, cujas formas e técnicas de construção são semelhantes aos outros setores. Por fim, o Arenal 04, talvez o mais imponente edifício do período, sendo construído na média-alta vertente, apresentando alta visibilidade para a face Oeste do Vale. Trata-se de um amplo sistema de terraços direcionados ao Oeste, com um amplo recinto quadrangular, a exemplo da Huaca Ventarrón (ALVA; ALVA MENESES, 2012).

Ainda na Face Oeste, na média-baixa vertente outras estruturas arqueológicas foram mapeadas, estando associadas às ocupações mais tardias: são os montículos. Ao todo foram identificadas oito estruturas, das quais duas foram escavadas, estando associadas às ocupações Moche, do Horizonte Médio (século I ao IX da nossa Era) (BRACAMONTE LÉVANO, 2015).

Distante cerca de 1 km das primeiras ocupações, encontram-se os conjuntos de sítios Collud-Zarpán, construídos já no Formativo Médio, momento em que a tecnologia cerâmica aparece no registro arqueológico.

O declínio das atividades rituais na Huaca Ventarrón não se traduziu em abandono, mas no florescimento de uma nova era que teria a Huaca Collud como protagonista de uma relação dualística com o a primeira. Majestosa, Collud passa a compor, junto à Ventarrón, a paisagem regional, mimetizando sua grandeza a uma distancia de fácil observação mútua. Erguida sobre uma plataforma de aproximadamente 500 metros de comprimento por 100 de largura, cujo acesso se dava por largas escadarias com elementos arquitetônicos escalonados, a Huaca Collud apresenta em seus frisos arquitetônicos a primeira evidência da entidade criadora aracnídea, aquela que se tornaria um dos principais elementos da arte ritual lambayecana do Horizonte Médio (Figura 14).

39

Figura 14. Mural, entidade criadora aracnídea.



Fonte: Alva; Alva Meneses, 2012.



Por fim, têm-se as estruturas arqueológicas da Cidadela e Fortaleza, relacionadas com as últimas ocupações antes da invasão europeia. A cidadela está implantada na face Sul da serra, voltada para o rio Reque, sendo formada por pelo menos seis conjuntos de templos e recintos, ocupando toda a extensão desse grande terraço, sendo que em alguns casos, como do edifício chamado de promontório, alcançando até a média-vertente (Figuras 15 e 16).

Todos são construções em adobes, sendo que as estruturas hoje estão em ruínas, tanto por ações climáticas quanto pela ação indiscriminada do *huaqueo*, ou seja, as ações de saques e comercialização de bens arqueológicos, além de ser uma prática que diz respeito a modos específicos de relação com o passado e a ancestralidade, uma vez que um grande número de pessoas utilizam estas peças para proteção e outros usos rituais. Em função dessas atividades humanas, muito do repertório cultural está exposto em superfície.

Figura 15. Face sul da serra Ventarrón onde estão implantadas as estruturas da Cidadela.



Fonte: Fagundes/2018.

Figura 16. Face sul da serra Ventarrón, com destaque para edifício em adobe.



Fonte: Fagundes/2018.

O conjunto chamado de Fortaleza está implantado na porção superior da serra, sendo constituídos por estruturas em pedras, em sua maioria, embora haja algumas em adobe, associadas às ocupações Chimú-Inca (FIGUEIREDO, 2019). Os usos destas estruturas ainda não estão bem definidos, podendo, inclusive, estarem associados/ relacionados aos *ushnus* (altares de altura Inca) (Figuras 17 e 18).



Figura 17. Estruturas da Fortaleza em adobe e pedras.



Fonte: Fagundes/2017.

Figura 18. Estruturas em pedra da Fortaleza.



Fonte: Fagundes/2017.

4. Considerações – Ventarrón, uma paisagem persistente:

O que faz de a Serra Ventarrón (e entorno) um lugar persistente? Na verdade há um conjunto de marcos sociogeográficos e estruturas (e seus atributos) que faz Ventarrón persistir ao longo de vários milênios. Partindo da prerrogativa que as primeiras escolhas se dão em função desses marcos sociogeográficos, a fisiografia regional tem um peso crucial no estabelecimento das primeiras ocupações regionais.

Temos creditado ao ambiente certas feições que foram entendidas como signos pelos primeiros ocupantes. O encontro dos rios e o próprio fluxo da água de Leste-Oeste em contraponto com o direcionamento Norte-Sul da serra, simbolicamente se estabelecendo o eixo fundamental da vida (*axis mundi*), além de outras características relevantes já apontadas por Alva Meneses (2008), tais como:

- A localização da serra em meio caminho entre a cordilheira e o oceano, ambos espaços sagrados no pensamento andino;
- Tonalidades e texturas das rochas e minerais que compõem o ambiente regional;
- A forma em anfiteatro da face Oeste da serra, permitindo uma ampla visão de todo o vale de Lambayeque, local eleito para a construção dos templos do Arenal que, sob nosso ponto de vista, tanto se relacionam com o movimento dos astros, sobretudo durante solstícios e equinócios, como são edifícios para serem vistos pela população, sobretudo durante os rituais;
- O fluxo de água de Leste-Oeste da água do rio Reque que remete ao mesmo movimento que o sol (nascer e morrer, mas em um constante renascimento), ao mesmo tempo em que, ao fertilizar o vale, é a garantia da vida no mundo vivente;



- O afloramento rochoso na face Sudoeste da serra onde foi construída a Huaca, também de orientação Norte-Sul, mas que serviu de alicerce físico e conceitual para a construção do templo.

Essas, e outras tantas características, acabaram por estabelecer o lugar persistente, o eixo fundamental capaz de permitir a comunicação entre as múltiplas camadas espaciais e temporais que se constituem na paisagem de Ventarrón. A arquitetura, a partir daí, assume o caráter de síntese e entendimento dessa diversidade de lugares, sendo cuidadosamente estabelecida por meio do reconhecimento de signos, ou seja, os marcos sociogeográficos, que permitiram uma nova composição que são as estruturas arqueológicas, além da provável concepção e construção dos edifícios em alinhamento com o movimentos dos astros visíveis em determinados ciclos, de acordo com os pensamentos aqui já expostos.

A serra Ventarrón como lugar persistente foi pensada, reconhecida, estabelecida e regenerada em várias ocasiões (seja por eventos climáticos ou ritualidades), visitada e revisitada ao longo de milênios, onde sua Geografia sagrada permitiu que várias culturas (até hoje) a entendessem como uma montanha tutelar, como um lugar das divindades, dos ancestrais e dos viventes (em diferentes tempos).

42

Essa artificialização é a composição de ideias e percepções que transmitem mensagens aos grupos sociais que ocuparam (e ocupam) o vale, de entendimento do mundo (seus planos e ciclos/ vida, morte e regeneração, etc.) e um modo de articular alianças (políticas e econômicas) e de garantia de continuidade do modo de vida – reciprocidade, equilíbrio, alinhamento e ordenamento, palavras-chave do pensamento andino.

Assim sendo, as características geográficas e ambientais regionais – os vales e os rios, as serras, a costa, o deserto e, quiçá, os Niños –, conjugam-se com as diferentes formas de entendimento de como a vida se estabelece, onde há um empoderamento dos lugares como meio, inclusive, de explicações viáveis para as dádivas e tragédias, continuidades e rupturas, que constituem viver nos Andes Centrais.

Os marcos sociogeográficos e suas persistências em longa duração não são fatos ao acaso. Há processos que envolvem ritualização e sacralização dos espaços, valorização da memória e atos político-ideológicos estruturados através das relações entre humanos e outros seres em seus ambientes.

São ações sempre traduzidas pela cultura para a garantia desses estabelecimentos nos diferentes planos. Como dito, a Geografia sagrada e a síntese oferecida pela arquitetura oferecem explicações adequadas sobre morte e regeneração, da multiplicidade e diversidade dos variados planos e ciclos



que estruturam e garantem a continuidade da vida ou compreensão das rupturas, sejam sociais, sejam ambientais.

A ritualização é a segurança de que há uma interação de equilíbrio entre passado e presente a fim de que a resiliência, que é vista no próprio registro arqueológico, tivesse prosseguimento, em um processo de *continuum* de signos que, muito provavelmente, eram lidos, interpretados e ressignificado em cada nova ocupação, como salientando, em uma área que, quando observada em conjunto, é constituída por uma das sequências estratigráficas mais extensas até hoje conhecidas na arqueologia dos Andes Centrais.

5. Agradecimentos

Ao CNPq, FAPEMIG e FUNDAEPE/Diamantina. Ao Museu Tumbas Reales de Sipán pelo apoio constante e incondicional às pesquisas realizadas pela equipe do Brasil. Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFMG), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Em especial, à equipe do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/UFVJM) por acreditar na multiplicidade da produção do conhecimento.

43

6. Referências Bibliográficas

- ACUTO, F. A. Paisajes cambiantes: la dominación Inka en el valle de Clachaquí Norte (Argentina). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, MAE/USP, Suplemento 03, p. 143-157, 1999. [online] URL: <https://www.revistas.usp.br/revmaesupl/article/view/113465/111420>
- ALVA MENESES, I. Los Complejos de Cerro Ventarrón y Collud-Zarpán: del Precerámico al Formativo en el Valle de Lambayeque. *Boletín de Arqueología PUCP*, 12, p. 97-117, 2008. [online] URL: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/877/841>
- ALVA, W.; ALVA MENESES, I. Capítulo 1 Generalidades. In: Alva MENESES I. (Org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. 1ed. Lambayeque: Unidad Ejecutora 105 Naylamp-Lambayeque, 2012.
- ANCHUETZ, K.F; WILSHUSEN, R. H., SCHEICK, C. An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions. *Journal of Archaeological Research*, 09 (02), p. 157-211, 2001. [online] URL: <https://doi.org/10.1023/A:1016621326415>
- ARCURI, M. M. O Tahuantinsuyu e o poder das huacas nas relações centro x periferia de Cusco. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, Suplemento 8, p. 37-51, 2009. [online] URL: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5939.revmaesupl.2009.113507>
- ARCURI, M. M. El Occidente no vio el Sol nocturno: el papel de la dualidad complementaria de las fuerzas cósmicas en la organización política de las jefaturas amerindias. In: Berenice Alcántara Rojas y Federico Navarrete Linares. (Org.). *Los pueblos amerindios: más allá del Estado*. 1ª



ed.México: Universidad Nacional Autónoma de México/IIH Série Antropológica 20 (1), p. 1-20, 2011.

ARCURI, M. M. Paisaje y monumentalidad en Ventarrón: nuevos aportes al debate acerca del origen del “Estado” en el Período Inicial Inicial Andino. In: ALVA MENESES, Ignácio (Org.). *Ventarrón y Collud: origen y desarrollo de la civilización en la Costa Norte del Perú*. 1ª ed. Lambayeque: Unidad Ejecutora 105 Naylamp-Lambayeque, 2012.

ARCURI, M. M. Cosmografias ameríndias: a arte e o ‘ato de animar’/ Amerindian cosmographies: art and the “act of animation”. IN: Sanja, S (eds). *Culturas visuals indígenas y las prácticas estéticas en las Américas desde la antigüedad hasta el presente*. Indigenous visual cultures and aesthetic practices in the Americas, past and present. Berlin: Ibero-Amerikanisches Institut/ Estudios Indiana 13, p. 217-239, 2019.

BRACAMONTE LÉVANO, E. *Huaca Santa Rosa de Pucalá – y la organización territorial del valle de Lambayeque*. Lima: Ministério de Cultura del Perú, 2015.

BRADLEY, R. *Archaeology of Natural Places*. London: Routledge, 2000.

BUENO, F. B. B. *Sobre altares, fogões e lixeiras: Recursos e simbologia nas queimas do centro cerimonial Huaca Ventarrón*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Dissertação, 2020. 125f.

COSGROVE, D. *Social formation and symbolic landscape*. London: Croom Helm, 1984.

DEPAZ TOLEDO, Z. *La cosmo-visión andina en el Manuscrito de Huarochirí*. Lima: Vicio Perpetuo, 2015.

DILLEHAY, T.D. Sociedades, sectores y sitios formativos en los valles de Zaña y Jequetepeque, costa norte del Perú. *Boletín de Arqueología PUCP* 12, p. 119-139, 2008. [online] URL: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/882>

DILLEHAY, T.D., ROSSEN, J. P. T. C; Williams, D. E. L. Pre-ceramic Adoption of Peanuts, Squash, and Cotton in Northern Perú. *Science*, 316 (5833), p. 1890-1893, 2007. [online] URL: <https://doi.org/10.1126/1141395>

FAGUNDES, M. O conceito de paisagem em arqueologia: os lugares persistentes. *Holos Environment*, 06 (02), p. 301-3015, 2009. [online] URL: <https://doi.org/10.14295/holos.v9i2.1310>

FAGUNDES, M. Natureza e Cultura: estudo teórico sobre o uso conceito de Paisagem nas Ciências Humanas. *Tarairiú*, Campina Grande-PB. 01 (07), p. 32-54, 2014. [online] URL: <http://revistatarairiu.blogspot.com/2014/03/natureza-e-cultura-estudo-teorico-sobre.html>

FAGUNDES, M.; BANDEIRA, A., GRECO, W. Paisagem e lugares: considerações sobre a arte rupestre do Sítio Sampaio, Felício dos Santos, Alto Araçuaí, Minas Gerais: uma análise interpretativa. *Cadernos de Geografia*, 38 (54), p. 746-768, 2018. [online] URL: <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2018v28n54p746-768>

FAGUNDES, M.; ARCURI SUÑER, M.; GONTIJO, B.; VASCONCELOS; A.; BUENO, F.; MAFRA, L. As estruturas arqueológicas em Cerro Ventarrón – marcos sociogeográficos, lugares e



paisagem durante o Formativo Inicial, Lambayeque, Peru. *Revista Espinhaço*, 8 (2), p. 13-24, 2019 [online] URL: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3583290>

FAGUNDES, Marcelo; KUCHENBECKER, M.; VASCONCELOS, A.; GONZAGA, A.P. Paisagem e lugares: caracterização geoambiental e cultural dos sítios arqueológicos Três Fronteiras, Alvo Vale do Araçuaí, Minas Gerais. *Ra'eGa*, 47 (01), p. 67-84, 2020 [online] URL: <http://dx.doi.org/10.5380/raega.v47i1.59489>

FIGUEIREDO, M. L. B. *Arqueologia Andina no Vale de Lambayeque: um estudo dos contextos cerimoniais, variabilidade cerâmica e estilos arquitetônicos das ocupações do Período Tardio*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Tese, 2019. 466f. [online] URL: <https://doi.org/10.11606/T.71.2019.tde-03052019-112457>

GIL GARCIA, F. M. La comunión de los cerros. Ritualidad y ordenamiento simbólico del paisaje en una comunidad del altiplano sur andino. *Diálogo Andino*, 39, p. 39-55, 2012. [online] URL: <https://www.redalyc.org/pdf/3713/371336249005.pdf>

GOLTE, J. *La racionalidad de la organización andina*. Colección Mínima; 9. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1987.

GOLTE, J. Moche. *Cosmología y Sociedad: Una Interpretación Iconográfica*. Lima, Instituto de Estudios Peruanos, 2009.

GOSE, P. Segmentary State Formation and the Ritual Control of Water Under the Incas. *Society for Comparative Study of Society and History*, p. 480-514, 1993.

GRECO, W. S. *Espelho de Pedra: A Estrutura Emergente da Arte Rupestre nas Matas do Alto Araçuaí, Felício Dos Santos, MG*. Diamantina-MG: Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Dissertação, 2019. 216f. [online] URL: <http://acervo.ufvjm.edu.br/jspui/handle/1/2283>

INGOLD, Tim. *Antropologia. Para que serve?* Petrópolis: Vozes, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE DEFENSA CIVIL (INDECI). *Mapa de peligros de la ciudad de lambayeque*, Proyecto Indeci – pnud per/02/051, Ciudades sostenibles, Peru, 2003. 147 p.

KAULICKE, Peter. **Memoria y muerte em el Perú Antiguo**. Lima: Fondo Editorial, Pontificia Universidad Católica del Perú, 2016.

LEONI, J. B. La Veneración de Montañas en los Andes Preincaicos: El Caso de Ñawinpukyo (Ayacucho, Perú) en el Período Intermedio Temprano. *Chungara, Revista de Antropología Chilena*, 37 (02), p. 151-164, 2005. [online] URL: <http://dx.doi.org/10.4067/S0717-73562005000200005>

LERCIER, M.. ¿Solita Caminas al Cerro?: la relación entre la personalidad de los cerros y la movilidad en el espacio en los andes peruanos. *Ethnológica*, 02, pp. 81-88, 2018.

LÉVI-STRAUSS, C. *O Pensamento Selvagem*. Tradução de Tânia Pellegrini. Campinas: Papirus, 1989.



- LEWIS, P. F. Learning for looking. Geographic and other writing about American Landscape. IN: SCHLERETH, T. J. *Material culture: a researching guide*. University of Kansas, p. 35-56, 1985.
- LUMBRERAS, L. G. *Chavín de Huantarem en el nacimiento de la civilización andina*. Instituto Andino de Estudios Arqueológicos Andinos, 1989.
- LUMBRERAS, L. G. Las orígenes de la sociedad andina. IN: *Compendio de historia económica del Perú I: Economía prehispánica*. Lima: IEP, Série História Econômica, Tomo I, p. 23-133, 2008.
- LÓPEZ AUSTIN, A. *Sobre el concepto de cosmovisión*. 2013 [online] URL: http://www.iaa.unam.mx/images/difusion/Taller_Signos_de_Mesoamerica/lecturas/Cosmovisi%C3%B3n.pdf
- LÓPEZ-MESONES M. *Geomorfología y Geología Histórica de Lambayeque*. 2013. [online] URL: http://www.academia.edu/14393809/Geomorfolog%C3%ADa_de_Lambayeque
- MAKOWSKI, K. La Arquitectura Pública del Periodo Precerámico Tardío y el Reto Conceptual del Urbanismo Andino. *Boletín de Arqueología PUCP*, 10, p. 167-199, 2006. [online] URL: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/1652>
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva – forma e razão das trocas nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naif, 2016.
- MOSELEY, Michael E. *The maritime foundations of Andean Civilizations*. California: Melo Park, Cummings Archeological Series, 1975.
- MOSELEY, Michael E. *The Incas and their ancestors: The archaeology of Peru*. 2ª. ed. New York: Thames and Hudson, 2001.
- MURRA, J. V. El control vertical de un máximo de pisos ecológicos en la economía de las sociedades andinas. In: MURRA, J. V. (ed) *Formaciones económicas y políticas del mundo andino*. Instituto de Estudios Peruanos. Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, pp 59–115, 1975.
- NARREA, A.C.; PÉREZ, C. A. (Coord.). *Estudio geológico del departamento de Lambayeque, Governo Regional de Lambayeque*. Ordenamiento Territorial para El Desarrollo Sostenible. Peru, 2013. 62 p. [online] URL: http://ot.regionlambayeque.gob.pe/upload/pdf/archivo_54ee33bf9a413.pdf
- NETHERLY, P. The Management of Late Andean Irrigation Systems on the North Coast of Peru. *American Antiquity*, 49(02), p. 227-254, 1984. [online] URL: <https://doi.org/10.2307/280017>
- SCHLANGER, S. Recognizing Persistent Places in Anasazi Settlement Systems. IN: ROSSIGNOL, J; WANDSNIDER, L. A. *Space, Time, and Archaeological Landscapes*. New York and London: Plenum Press, pp. 137-161, 1992.
- SHIMADA, I. *Pampa Grande and the Mochica Culture*. Austin: University of Texas Press, 1994, 393p.
- SWENSON, E. The archaeology of ritual. *Annual Review Anthropology* 13 (01), p. 239-385, 2015. [online] URL: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-102214-013838>



TRONCOSO, A. M. Espacio y Poder. *Boletín de la Sociedad Chilena de Arqueología*, n. 32, p.10-23, 2001. [online] URL: https://www.oocities.org/arqueo_aconcagua/articulos/a.pdf

VEGA-CENTENO, R. S. L. El Estudio de la Complejidad Social en el periodo Arcaico Tardío de la Costa Norcentral Del Perú. *Boletín de Arqueología PUCP*, 10 (1), p. 37-58, 2006. Disponível <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/boletindeferqueologia/article/view/1641>

VEGA-CENTENO, R. S. L. El período Arcaico Tardío en perspectiva regional. Nuevos aportes. In: Vega-Centeno RSF (eds.) *Repensar el Perú antiguo – aportes desde la arqueología*. Lima: Instituto de Estudios Peruanos/ Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, p. 87-122, 2017.

ZEDEÑO, M. N. On the what people make place – a behavioral cartography . IN: SCHIFFER, M. B. (ed.). *Social Theory in Archaeology*. Salt Lake City: University of Utah Press, p. 97-125, 2000.

MARCOS SOCIOGEOGRÁFICOS Y ARQUEOLOGÍA DE VENTARRÓN-COLLUD: FISIOGRAFÍA, LUGARES PERSISTENTES Y PAISAJE PARA COMPRENSIÓN DE LAS OCUPACIONES HUMANAS EN LA COSTA NORTE PERUANA

Resumen: Las estructuras del Complejo Arqueológico Ventarrón Collud ocupan un área de más de 300 hectáreas del valle de Lambayeque, que rodea el Cerro Ventarrón, en la margen derecha del río Reque. En su vertiente occidental se encuentran los sitios arqueológicos Huaca Ventarrón y Collud-Zarpán, que están a menos de un kilómetro de distancia. En conjunto, las estructuras de este complejo forman una de las secuencias estratigráficas más extensas conocidas en la arqueología andina central (4600 a 500 A.P). Este artículo tiene como objetivo discutir sobre estas estructuras a partir de la hipótesis de que los humanos se apropian de la fisiografía regional más allá de la materialidad, observando signos que se leen e interpretan (los marcos sociogeográficos), y desde este momento se establecen los lugares utilizados a largo plazo (los lugares persistentes).

Palabras clave: Geografía Sagrada, Marcos sociogeográficos, Lugares persistentes, Cerro Ventarrón, Collud-Zarpán, Andes Centrales.

47

VENTARRÓN-COLLUD'S SOCIOGEOGRAPHIC MARKS AND ARCHEOLOGY: PHYSIOGRAPHY, PERSISTENT PLACES AND LANDSCAPE FOR UNDERSTANDING OF HUMAN OCCUPATIONS IN THE PERUVIAN NORTH COAST

Abstract: The structures of the Ventarrón Collud archaeological complex occupy an area of over 300 hectares of the Lambayeque Valley, surrounding the Ventarrón Hill, on the right bank of the Reque River. On its western slope are the archaeological sites Huaca Ventarrón and Collud-Zarpán, less than a kilometer apart, where their structures were one of the most extensive stratigraphic sequences known in the Central Andes archaeology (4,600 to 500 BC). This article aims to discuss about these structures from the hypothesis that humans appropriate the regional physiography beyond materiality, observing signs that are read and interpreted (the sociogeographic marks), and from this moment the places used are established in long term (the persistent places).

Keywords: Sacred Geography. Sociogeographic marks. Persistent places. Cerro Ventarrón. Collud-Zarpán, Central Andes.

MARCELO FAGUNDES

Pós-Doutor em Geografia pela Universidade de Minas Gerais. Doutor e mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Graduação em Geografia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Coordenador do Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem (LAEP/CEGEO/UFVJM). E-mail: marcelo.fagundes@ufvjm.edu.br



Endereço Postal: Prédio do Centro de Estudos em Geociências, Campus JK. Rodovia MGT 367, km 583, n. 5000, Alto da Jacuba, Diamantina, MG - CEP: 39100-000

MARCIA MARIA ARCURI SUÑER

Pós-doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo e mestre em Estudos Ameríndios pelo Departamento de História e Teoria da Arte da Universidade de Essex – Inglaterra. Professora Adjunta do Departamento de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto.

E-mail: marcia.arcuri@gmail.com

Endereço Postal: Escola de Direito, Turismo e Museologia - Sala 115. Universidade Federal de Ouro Preto, Campus Morro do Cruzeiro - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto – MG. CEP 35.400-000

BERNARDO MACHADO GONTIJO

Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília e mestre em Estudos Latino-americanos pela Vanderbilt University. Professor Associado do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

E-mail: gontijobm@yahoo.com.br

Endereço Postal: Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências. Avenida Antônio Carlos, 6627, Pampulha. CEP: 31270-901 - Belo Horizonte, MG.

IGNÁCIO ALVA MENESES

Arqueólogo, Ceramista e Fotógrafo - Museo Tumbas Reales de Sipán.

Dirección postal: av. Juan Pablo Vizcardo y Guzmán s.n., Lambayeque, Perú.

E-mail: alvameneses@yahoo.es

ALESSANDRA MENDES DE CARVALHO VASCONCELOS

Doutorado e mestrado em Geografia e Análise Ambiental pela Universidade de Minas Gerais, com ênfase em pedologia e carstologia. Doutorado sanduíche na Universidade de Rouen, FR, Laboratório de Geologia. Professora da Graduação em Engenharia Geológica e Bacharelado em Ciência e tecnologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Coordenador do Laboratório de estudos da Cerâmica Artística - LAECA

E-mail: alessandra.carvalho@ict.ufvjm.edu.br

Endereço Postal: Prédio do Centro de Estudos em Geociências, Campus JK. Rodovia MGT 367, km 583, n. 5000, Alto da Jacuba, Diamantina, MG - CEP: 39100-000

FLAVIA BRASIL BAESSA BUENO

Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Ouro Preto. Mestre em Arqueologia pela Universidade de São Paulo.

E-mail: flabaessa@gmail.com

Endereço Postal: Prédio do Centro de Estudos em Geociências, Campus JK. Rodovia MGT 367, km 583, n. 5000, Alto da Jacuba, Diamantina, MG - CEP: 39100-000
